



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

PAULO ROBERTO BEZERRA

**FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO – DIVERSIDADE CULTURAL E
SUAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS**

MONTEIRO- PB 2014

PAULO ROBERTO BEZERRA

**FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO – DIVERSIDADE CULTURAL E
SUAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em *Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares*, da Universidade Estadual da Paraíba, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador (a): Prof^ª. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B574f Bezerra, Paulo Roberto
Formação do povo brasileiro [manuscrito] : diversidade cultural e suas implicações pedagógicas / Paulo Roberto Bezerra. - 2014.
26 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2014.
"Orientação: Profa. Dr^a. Cristiane Agnes Stolet Correia, Departamento de Letras - Espanhol".

1. Diversidade cultural. 2. Formação do povo brasileiro. 3. Multiculturalismo. I. Título.

21. ed. CDD 306.43

MONTEIRO-PB

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em *Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares*, da Universidade Estadual da Paraíba, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista

em 19/07/2014

BANCA EXAMINADORA

Cristiane Agnes Stolet Correia

Prof^a. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia
UEPB
Orientadora

Cristina Bongestab

Prof^a. Dra. Cristina Bongestab
UEPB
Examinadora

Otacílio Gomes da Silva Neto

Prof. Me. Otacílio Gomes da Silva Neto
UEPB
Examinador

A uma pessoa muito especial em minha vida, tão especial, que ao iniciar estas linhas não consegui conter as lágrimas, a minha esposa Maria das Dores C. Bezerra. **Dedico.**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela oportunidade que me outorgou. De conseguir realizar um curso de pós-graduação, algo que não esperava mais alcançar, quero também agradecer a minha esposa que muito me ajudou na realização deste trabalho, aos meus professores que muito me ajudaram na conclusão desse curso. Deixo meu agradecimento à orientadora Cristiane Agnes Stolet Correia que, mesmo havendo passado por alguns momentos difíceis durante este período, trouxe relevantes contribuições ao meu trabalho.

Agradeço a todos os professores do curso da Especialização, que de uma forma ou de outra contribuíram na realização deste trabalho. Aos funcionários da biblioteca, em especial a todos que de forma muito carinhosa e gentil sempre me auxiliavam na procura pelos livros que utilizei em meu trabalho.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão do curso de especialização buscou pensar como podemos lidar de maneira produtiva com a diversidade cultural no contexto de sala de aula. A *priori* traçamos um percurso histórico envolvendo a formação do povo brasileiro; a questão multiculturalista, como forma de relacionar melhor a diversidade cultural do nosso povo e como isso pode implicar nas relações pedagógicas em sala de aula. Como aporte teórico foram utilizados para fins de pesquisa principalmente Candau (2008), Freyre (2002), Ribeiro (1995) e Marcondes (2008), que discorrem a respeito da temática levantada e discutida ao longo deste trabalho. Esperamos que este trabalho possa vir a contribuir com o desenvolvimento de práticas pedagógicas que visem a colaborar com a melhoria do ensino, bem como a erradicação de práticas de desigualdades sociais, étnicas e culturais que permeiam inclusive a sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: diversidade cultural; formação do povo brasileiro; multiculturalismo; práticas pedagógicas.

RESUMEN

La presente monografía buscó pensar cómo podemos trabajar de modo productivo con la diversidad cultural en el contexto de aula. En un primer momento trazamos una trayectoria histórica presentando la formación del pueblo brasileño; la cuestión multiculturalista, como forma de relacionar mejor la diversidad cultural de nuestro pueblo y cómo eso interfiere en las relaciones pedagógicas en aula. Como aporte teórico fueron utilizados para fines de pesquisa principalmente Candau (2008), Freyre (2002), Ribeiro (1995) y Marcondes (2008), que tratan de la temática apuntada y discutida a lo largo de esta monografía. Esperamos que la presente investigación pueda contribuir con el desarrollo de prácticas pedagógicas que ayuden a mejorar la enseñanza, así como la erradicación de prácticas de desigualdades sociales, étnicas y culturales que permean incluso el aula.

PALABRAS-CLAVE: diversidad cultural; formación del pueblo brasileño; multiculturalismo; prácticas pedagógicas.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO	8
2.1. Uma breve biografia de Gilberto Freyre.....	10
2.2. Uma aproximação a <i>Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime Patriarcal</i>	11
2.3. A organização da obra <i>Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime Patriarcal</i>	12
2.4. Após <i>Casa-Grande & Senzala</i>	14
3. FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO, DIVERSIDADE CULTURAL E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	16
3.1. <i>O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil</i> , de Darcy Ribeiro	16
3.2. A releitura de Darcy Ribeiro do processo de formação do povo brasileiro	16
3.2.1 A estrutura de <i>O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil</i>	17
3.3. Diversidade cultural e algumas implicações pedagógicas	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
5. REFERÊNCIAS.....	24

1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho buscamos pensar como lidar produtivamente com a diversidade cultural no contexto de sala de aula. Para pensar tal questão, seguimos os passos que descreveremos agora. Em um primeiro momento, investigamos brevemente a formação do povo brasileiro, apoiando-nos principalmente nas obras *Casa-Grande e Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, de Gilberto Freyre, e *O povo brasileiro*, de Darcy Ribeiro. A partir daí, apreendemos o multiculturalismo brasileiro para melhor relacionar a diversidade cultural de nosso povo, presente em nossas salas de aula, e as implicações pedagógicas que daí advêm.

2. FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO

De acordo com muitas fontes históricas, incluindo as informações veiculadas nos materiais didáticos distribuídos a alunos e professores na Rede Estadual da Paraíba, há muitos anos homens e mulheres asiáticos já habitavam em nosso território, que mais tarde seria chamado de Brasil. Esses primeiros habitantes encontraram condições favoráveis para se adaptarem no ambiente e, conseqüentemente, para sua reprodução física e sociocultural. Esses grupos viviam em comunidades bastante estruturadas, convivendo no mesmo ambiente doméstico as diversas gerações familiares: pais, filhos, avós, tios, sobrinhos etc. Viviam da pesca, da caça, da colheita, praticando uma economia de subsistência.

Os primeiros seres humanos que aqui chegaram eram povos indígenas, ou melhor, populações de ameríndios vindos do Continente Asiático. Acredita-se que provavelmente atravessaram o Estreito de Bering entre 20 e 12 mil anos. Há hipóteses de que nesse período, o nível do mar era cerca de 60 metros mais baixo em relação ao nível atual. Também é provável que havia uma ponte de terra e gelo ligando a Sibéria à Ásia, ao Alasca na América do Norte, daí chegaram à América Central e possivelmente à América do Sul.

Podemos afirmar que o Brasil originou-se de um triângulo envolvendo índios, negros e o branco europeu. O povo brasileiro é resultado de uma miscigenação que teve início com a invasão do branco português. O discurso europeu construído e difundido era pautado na visão superior do europeu e inferior do indígena. Os indígenas eram considerados pelos colonizadores, de modo geral, selvagens, primitivos, bárbaros; enquanto o português dizia ser o portador da civilização, o conhecedor da razão e da verdade. Assim sendo, a nossa história já sofre com o preconceito desde o início da miscigenação, que infelizmente atravessa os séculos e se mantém firme ainda hoje¹.

¹ Certamente houve avanço no que diz respeito ao preconceito “racial” no Brasil, com certeza, alguma coisa tem mudado, a criação de novas leis, por exemplo, tem contribuído para amenizar as discriminações, mas, mesmo assim, ainda existem preconceitos em nossa sociedade, isto não podemos negar. Cabe, portanto, a nós, professores, atuarmos no processo de formação do educando, mostrando a riqueza de nossa pluralidade cultural.

Com relação ao negro, sabemos que foi trazido para o Brasil com a finalidade de trabalhar nas fazendas, de atuar como mão-de-obra escrava. Se, por um lado, houve eliminação física daqueles que não correspondiam às exigências dos colonizadores, por outro lado, a prática da escravização permaneceu durante todo o período colonial, sendo explicitamente uma maneira violenta de negação de seus valores como seres humanos.

Compreender o processo da ocupação e formação do povo brasileiro é muito complexo, é necessário analisar toda a trajetória das etnias existentes em nosso território, observando como as relações entre os negros, indígenas e europeus interferiram diretamente nas separações sociais, produzindo misérias e riquezas. A formação do nosso país, historicamente falando, mostra as diretrizes do processo de dominação por parte dos portugueses, como também dos grupos sociais que se formaram enfrentando a resistência dos dominadores. Cada grupo encontrou maneiras de preservar sua identidade, ainda que muitas vezes de forma precária e clandestina.

Vale destacar que os portugueses colonizaram o Brasil de forma exploratória, tendo propósitos ambiciosos. Eles pareciam considerar-se superiores, e começaram logo a impor sua cultura, sua religião (católica). Os castelhanos e portugueses tornaram-se os pioneiros de um regime que iria servir de modelo à exploração latifundiária e monocultura, que mais tarde outros povos iriam utilizar. O nordeste brasileiro foi o cenário propício para o desenvolvimento da cana-de-açúcar. Com uma grande quantidade de terras férteis, tornou-se o centro da grande organização agrária. Daí surgiu a necessidade de procurar mão-de-obra para o trabalho braçal. Como as primeiras tentativas de se utilizar o indígena foram frustradas, optou-se pelo escravo africano.

Assim, passaram a conviver no mesmo território os ditos indígenas, os portugueses e os negros, que são as três grandes raízes de nosso povo. E então se iniciou a miscigenação. É triste perceber que um problema sério tal atual, como a corrupção, já estava presente desde o início deste processo.

A corrupção não é algo novo, tão pouco uma especificidade brasileira, no entanto, o que muitos entendem por corrupção é a forma como lidamos com a mesma em nosso país é que chama bastante a atenção. Ou seja, tratamos muitas das vezes atos de corrupção como se estes fossem absolutamente normais. Por outro lado, em boa parte dos casos, percebemos práticas corruptas apenas nos agentes públicos, e esquecemo-nos daquelas que nós mesmos praticamos (CAVALCANTE, 2013, p.10).

Partindo desse argumento, Cavalcante (2013) deixa bem claro que, durante a época da colonização, o Brasil foi bastante explorado, pelos portugueses que nos colonizaram, e que agiam por meios corruptos, discriminando e explorando os nativos e os negros vindos da África para o Brasil.

Para apresentar agora outras questões pertinentes à formação do povo brasileiro, tomarei como base a obra de Gilberto Freyre *Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*. Publicada em 1933, essa obra revolucionou os estudiosos e contemporâneos de sua época ao produzir novos conceitos básicos com relação à formação da sociedade brasileira, envolvendo de certa forma a mistura do índio, dos africanos e portugueses. Cabe, portanto, fazer uma breve introdução do autor: Gilberto Freyre.

2.1. Uma breve biografia de Gilberto Freyre

Nasce no Recife, em 15 de março de 1900, Gilberto Freyre, filho do Dr. Alfredo Freyre, educador, Juiz de Direito e catedrático de Economia Política da Faculdade de Direito do Recife, e de D. Francisca de Mello Freyre.

Nascido numa família tradicional de Pernambuco de senhores de engenhos de açúcar, de um pai professor catedrático de Direito, e de uma mãe católica e conservadora, aprendeu as principais línguas modernas e o latim durante a adolescência, tendo dado a sua primeira conferência pública, na Paraíba, sobre "Spencer e o problema da educação no Brasil" em 1916.

Freyre fez carreira acadêmica, de artista plástico, jornalista e cartunista no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos. Manteve, porém, uma grande ligação com Pernambuco, em especial Olinda e Recife. Em 1917, concluiu o curso de Bacharel em Ciências e Letras do Colégio Americano Gilreath, iniciando também o estudo da língua grega. Já em 1918, segue para os Estados Unidos para estudar na Universidade de Baylor, onde concluiu o curso de Bacharel em Artes. Todavia, foi no ano de 1921 que iniciou, na Universidade de Colúmbia (Nova Iorque), os estudos de Ciências Políticas (em específico a Economia); Ciências Sociais (em específico a Antropologia Cultural e a História Social); Ciências Jurídicas (em específico a Diplomacia e o Direito Internacional).

Através desses estudos, Freyre recebeu influências de pensadores que marcaram o caráter de suas obras futuras. Retornou ao Recife em 1924, mas partiu para o exílio

após a Revolução de 1930. Depois de lecionar nos Estados Unidos, na Universidade de Stanford, em 1931, viajou para Europa. Voltou ao Rio de Janeiro, em 1932, e se dedicou a escrever *Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*, publicado em 1933, cujas ideias principais serão apresentadas brevemente a seguir.

2.1.2 Uma aproximação a *Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*

Casa-Grande e Senzala é uma obra essencial para quem busca entender a formação do povo brasileiro, sendo um marco na nossa literatura sociocultural. Essa obra oferece uma interpretação do nosso passado colonial, baseando-se na ideia de cultura para definir a identidade da sociedade brasileira e valorizando igualmente (ou melhor, sem julgamento de valor) as três contribuições principais: indígenas, africanas e europeias.

No prefácio da primeira edição de *Casa-Grande & Senzala*, Freyre descreve as fontes utilizadas em sua pesquisa, revelando que estas consistem em cartas, livros de viagem, jornais, relatos de ex-escravos, cantigas, livros de batismo, de óbitos e casamentos, contos de folclore rural e até receitas de bolo e doces. Os senhores de engenhos viviam na Casa-Grande, representando a elite, os que detinham o poder; ao passo que os escravos povoavam as senzalas.

Na época de publicação da obra mestra de Freyre, O Brasil estava passando por uma transformação radical com o desenvolvimento industrial. Assim, o campo estava perdendo força, conseqüentemente, os senhores de engenhos, enquanto as cidades passavam a ser o foco.

Convém lembrar que foi na década de 30 que o cinema ganhou sonoridade e a dita cultura de massa ganhou fôlego, com o advento da rádio. Havia a tendência a um discurso hegemônico privilegiando a cultura europeia, uma pureza europeia. Gilberto Freyre vai na contramão deste discurso, exaltando a miscigenação em *Casa-Grande & Senzala*.

2.1.3 A organização da obra *Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*

O livro *Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal* está dividido em cinco capítulos. Neste tópico farei uma breve apresentação de cada um.

O primeiro capítulo chama-se *Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida*. Neste capítulo inicial, o escritor constata o início da organização da sociedade brasileira, que ele situa a partir de 1532, tendo como sua principal base a agricultura. A formação social brasileira girou em torno da casa-grande, onde conviviam senhor e escravo, considerando que os serviços domésticos eram realizados por negros.

A agricultura de açúcar se difundiu ao norte do país, ao passo que nas regiões ao sul cultivou-se o café, ambas fundadas com monocultura, onde o trabalho escravo era empregado.

Segundo Gilberto Freyre, o português predispunha-se a realizar uma colonização híbrida, já que há relatos de relações com indígenas e negras. É interessante notar que o português teve uma boa adaptação em nosso território, o que foi favorecido pelo contato anterior que teve com o clima africano, clima em muitos aspectos semelhantes ao brasileiro.

Algo que me causou admiração nos dados trazidos por Freyre foi com relação ao fato de as mulheres europeias que para cá vinham serem, sobretudo, moças órfãs que buscavam no Brasil a oportunidade de casar-se com os colonos que aqui viviam. Novamente o autor aponta outros fatores que caracterizaram o Brasil colônia, como o engenho de cana de açúcar, o bandeirante que, de acordo com o texto, seria um fundador de subcolônias, por ser um desbravador do interior do país, a religião, e a sífilis trazida pelos primeiros europeus, por exemplo.

Apesar de todas as problemáticas referentes ao início da formação híbrida cultural brasileira, Freyre parece ser da opinião otimista de que os europeus souberam conquistar e formar a sociedade em que vivemos atualmente, com toda a sua diversificação de raças e culturas². Neste processo de formação, a unificação de tão

² Vale observar que Gilberto Freyre diferencia o conceito de raça do de cultura, priorizando este último em suas considerações.

grande território deu-se com a busca da unificação linguística e religiosa, na maioria das vezes imposta.

O segundo capítulo da obra mestra de Gilberto Freyre intitula-se *O indígena na formação da família brasileira*. Aqui o autor mostra que, seja pelas mãos dos senhores de engenho, ou pelos jesuítas, os costumes indígenas foram sendo reduzidos ou até mesmo exterminados.

Os jesuítas foram os que mais êxito tiveram na aproximação com os índios nessa época. Entretanto, as inúmeras tribos, com diversos costumes e idiomas dificultavam a comunicação. Assim sendo, o tupi-guarani foi tomada como a língua para a unificação da identidade indígena pelos jesuítas. É interessante perceber que, mesmo com a catequese, traços da cultura indígena, como muitas lendas, ainda permanecem no imaginário popular hoje.

Freyre relata como era a divisão do trabalho em uma aldeia indígena: enquanto os homens caçavam, as mulheres cuidavam da agricultura. Como os índios brasileiros eram nômades, não se adaptaram à agricultura de monocultura.

A miscigenação continua sendo o centro das atenções do texto, mas, neste capítulo, adquire um caráter de verdadeira "intoxicação sexual", que, para Freyre, teria caracterizado o primeiro século de colonização. As indígenas nuas ofereciam a visão, juntamente com as terras em que viviam, de um novo mundo para o português. Assim, a sensualidade e a sexualidade marcam o início da colonização portuguesa em terras brasileiras. De acordo com o autor, os indígenas foram vítimas dos europeus, sendo atacados diretamente. Muitas mulheres indígenas, por sua vez, juntaram-se aos portugueses e fizeram-se grandes procriadoras. Como havia poucas mulheres europeias disponíveis, coube em grande parte às indígenas a união sexual com os europeus, proliferando a miscigenação no Brasil. Vale destacar ainda que para muitas tribos os portugueses eram quase que divinizados, além disso, a poligamia era comum entre eles. Assim, a mulher indígena será a base da família brasileira.

Foram várias as contribuições indígenas na cultura e colonização brasileira, dentre as quais podemos destacar o conhecimento de ervas e chás naturais considerados medicinais.

O terceiro capítulo do livro tem como título *O Colonizador Português: Antecedentes e Predisposições*. Como o título deixa antever, neste momento Freyre foca na figura do português. É interessante notar que o autor apresenta o português como sendo simultaneamente orgulhoso e simples. Se, por um lado, andava "mulambento" na

casa-grande, colocava suas melhores roupas para apresentar-se em ambientes públicos. A religiosidade é outra característica bastante presente. A capela ficava dentro da casa-grande. Com relação à herança religiosa, Freyre ainda destaca a influência dos mouros. Para o pensador, o amor humano às divindades foi algo herdado dos mouros. Os judeus, por sua vez, foram extremamente importantes para a expansão e sustentação imperialista portuguesa.

Os dois últimos capítulos de *Casa-Grande e Senzala* tratam do escravo negro e a influência da cultura africana. Nestes capítulos a mistura de raças continua central. Também são abordados temas como higiene, medicina e saúde, prostituição, culinária, além de pontos referentes à constituição da própria língua. Vale notar que a educação das crianças por muito tempo ficou a cargo das escravas.

2.2. Após Casa-Grande e Senzala

Não há dúvidas de que o pensamento de Gilberto Freyre foi primordial para se pensar o conceito de multiculturalismo. Pesquisadores de diversas áreas das ciências humanas e sociais começaram a debater as questões apresentadas no livro. Muitos destes estudiosos reconheceram a importância de suas proposições para a compreensão do Brasil, outros destacaram suas deficiências, distorções e limitações. Apesar das divergências, os críticos e entusiastas da obra de Freyre concordam que a obra *Casa-Grande & Senzala* representa uma importante renovação para a pesquisa social brasileira.

Com as discussões a partir da obra mestra de Freyre, acadêmicos marxistas ligados à USP, como Florestan Fernandes, Caio Prado Jr., Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni e Antonio Candido começam uma crítica sistemática às idéias de Freyre. Nas palavras de Gabriel Cohn, em oposição à visão patriarcal, "de cima", mais culturalista e antropológica de Freyre, propõem uma perspectiva plebeia, "de baixo", mais sociológica e econômica.

Em relação às críticas diante ao trabalho de Freyre, pode-se verificar que parte delas são válidas, principalmente no que diz respeito ao caráter determinista de algumas de suas concepções, no entanto, não diminuem o valor de seus estudos acerca do período que abordou, somente o fato de incitar diversas discussões nos dá a dimensão da sua obra. Freyre tocou em pontos que até então eram tratados de maneira homogênea pelos intelectuais da época.

Mesmo criticado muitas vezes por historiadores por usar métodos não muito convencionais, o autor representa um destaque para a compreensão das contradições existentes no período colonial, sendo que seus reflexos ainda permanecem na sociedade contemporânea. Focaremos nosso estudo agora em um de seus críticos, que relê a cultura brasileira sob outros ângulos: Darcy Ribeiro.

3. FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO, DIVERSIDADE CULTURAL E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

3.1. *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*, de Darcy Ribeiro

O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil, obra do antropólogo Darcy Ribeiro nos conduz pelos caminhos da nossa formação como povo e nação. Esta obra foi lançada em 1945. Darcy Ribeiro relata nesta obra que todos nós, brasileiros, somos originados do negro e do indígena, afirmando que somos um povo mestiço no sangue e no espírito, ressaltando que a mestiçagem nunca foi considerada como crime ou pecado.

Através dessa mestiçagem nós fomos formados e ainda continuamos nos fazendo. Essa reflexão sobre a nossa formação nos transmite as raízes da nossa história, mostrando como fomos sendo construídos como brasileiros. Afinal, quem somos? Quais matizes nos constituíram? Que traços nos distinguem? São interrogações de muitos. Muitos não concordam que somos uma nação miscigenada, não concordam por causa do preconceito que ainda é muito forte no nosso Brasil.

Segundo o autor Darcy Ribeiro, o Brasil nasce como se fosse uma utopia, como uma espécie de paraíso ou até mesmo morada de Deus. O autor afirma que o nome de Brasil não surgiu propriamente do pau-brasil, até porque, lá pelo ano mil, alguns navegantes já falavam da existência de uma ilha chamada Brasil. Por isso, para o autor, o nome Brasil não se originou do pau-brasil e sim do nome da Ilha Brasil. Mas a sua descoberta oficial só aconteceu quando os portugueses que aqui chegaram registraram o nome em cartório.

3.2. A releitura de Darcy Ribeiro do processo de formação do povo brasileiro

A primeira diferença instaurada por Darcy Ribeiro com relação a Gilberto Freyre é no tocante à integração entre os diversos povos. O autor desfaz o mito de uma pacífica integração entre as três matrizes, negros, indígenas e europeus, apresentando a unificação política nacional como resultado de um processo continuado e violento pautado no empenho de eliminação de qualquer identidade avessa aos interesses da classe dominante. Simultaneamente à consagração da unidade política nacional, aumentavam as discrepâncias sociais. Em oposição à visão idealizada (como muitas

vezes soam os comentários em *Casa-Grande & Senzala*) da formação do povo brasileiro, Darcy Ribeiro adota a perspectiva de todo este processo como uma verdadeira tragédia.

3.2.1 A estrutura de *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*

O livro está dividido em cinco grandes capítulos, e cada um destes subdivide-se em alguns subcapítulos (que variam de três a seis). Vejamos brevemente as temáticas trabalhadas pelo autor em cada capítulo.

O primeiro capítulo intitula-se *O novo mundo*, onde o autor se debruça sobre o início do processo de mestiçagem no Brasil, com a chegada dos portugueses. De acordo com o autor, a partir das matrizes étnicas, o tupi e o português, deu-se o enfrentamento dos mundos e o início do trágico processo civilizatório. Vale trazer uma breve explanação da visão do autor sobre estas duas matrizes.

Os tupis eram um povo organizado, conheciam todas as técnicas para adquirir seu alimento, conheciam a floresta, cada pássaro, cada planta, enfim, toda a natureza que os cercava. Aos homens estava destinada a caça, ao passo que às mulheres cabiam as tarefas domésticas e a agricultura. Os tupis ficaram conhecidos por serem implacáveis contra seus inimigos, destruindo-os sem piedade. Também eram praticantes do canibalismo. Foram eles que estavam no litoral quando os portugueses se aproximaram. É possível imaginar o choque advindo do encontro entre as duas culturas: de um lado, os tupis “abismados” pensando talvez estarem diante de deuses, de outro lado, os portugueses deslumbrados com o convívio natural com a nudez. O autor narra que os primeiros contatos foram amigáveis, trocaram “presentes”. Em troca do pau-brasil cedido aos portugueses, os tupis recebiam as famosas “bugigangas”: colares, espelhos, bolas de gudes, anéis, pulseiras, etc.

Até o descobrimento do Brasil, as terras da costa Atlântica eram habitadas por inúmeros povos indígenas. Os portugueses buscaram logo dominar toda a população nativa, obrigando-a a desconsiderar suas próprias crenças, seus costumes e também escravizando-a. Muitos morreram, acometidos pelas doenças trazidas pelos europeus, doenças como a varíola, a caxumba, entre outras.

Muitos acontecimentos foram surgindo, com a chegada dos portugueses aconteceu uma série de transformações de ordem econômica e social e ecológica, como por exemplo, a mercantilização das relações de produções, que de certo modo despertou o velho mundo a voltar seus interesses para o nosso continente. Era, pois, o começo de

uma nova etnia com muitos interesses que lhe foram despertados nas novas terras recém descobertas. Logo aqui chegaram outros europeus, compondo a classe dominante que chegou logo desbravando e saqueando a nossa terra, tudo em nome da Igreja Católica. Muita gente vai sendo atraída pela cobiça, como árabes, japoneses e muitos outros que foram migrando para cá.

Darcy Ribeiro reforça, desde o início de sua obra, o discurso que vem predominando em nossa história: o do dominador, o do invasor. E ressalta a necessidade de se dar vez e voz ao outro lado: aos indígenas, aos negros, enfim, aos que historicamente foram dominados e calados.

No segundo capítulo, o autor trata da gestação ética, ou seja, do processo de fusão das matrizes indígena, negra e lusitana.

À medida que os portugueses faziam filhos nas negras e índias, uma nação de mestiços foi sendo criada. Para Darcy Ribeiro, estes novos brasileiros, oriundos da fusão entre europeu e indígena ou negra, eram discriminados drasticamente. Frutos de uma civilização já europeizada e machista eram considerados pelos pais como “impuros”. Assim, não conseguiam se identificar nem com uma matriz nem com outra.

Vale dizer que nem todas as tribos indígenas tiveram o mesmo destino. Algumas foram exterminadas. Outras fugiram para o interior. Alguns indígenas eram capturados para escravização e catequese. Outros ainda se aliaram aos europeus.

Algum tempo depois de consolidar a ocupação do litoral, os portugueses começaram a trazer os negros africanos para trabalharem nos engenhos de açúcar. Cabe destacar que havia negros oriundos dos mais diversos lugares, o que dificultava a união entre eles, considerando a diversidade cultural existente, até mesmo linguística. Infelizmente, o processo de destruição das culturas indígenas e negras foi muito similar.

Sempre bastante cuidadoso o autor afirma que o surgimento de uma etnia brasileira, inclusiva, que possa envolver a gente variada que aqui se juntou, passa tanto pela anulação das identificações étnicas de índios, africanos e europeus, como pela diferenciação entre as várias formas de mestiçagem, como os mulatos (negros com brancos), caboclos (brancos com índios) e curibocas (negros com índios). O nascimento da consciência brasileira remonta a Gregório de Matos (1633-1696). Os textos de Anchieta, Nóbrega e outros letrados foram desconsiderados porque eles se identificavam mais com a etnia do colonizador do que com a gente da terra. Já Gregório de Matos zombava da nobreza baiana usando uma perspectiva que o aproximava mais dos habitantes nativos.

O terceiro capítulo do livro tem como título *Processo sociocultural*. Neste momento, Darcy Ribeiro concentra-se na narração das guerras do Brasil: guerra entre portugueses e índios que não aceitaram o jugo luso (Revolta dos Tamoios); guerra entre colonos e jesuítas que defendiam os índios; guerras entre lusitanos e caboclos (Cabanos); guerra entre negros fugidos e senhores de escravos (Palmares) e guerras entre pobres e fazendeiros (Canudos).

Para o autor, todos os conflitos mencionados tinham um único propósito: possibilitar a exploração da Empresa Brasil. Segundo Darcy Ribeiro, a primeira empresa foi a escravista, a segunda foi a empresa comunitária jesuítica, e a terceira, foi a multiplicidade de microempresas de produção de gêneros de subsistência e de criação de gado.

Durante vários séculos o Brasil foi um país essencialmente agrário. A intensificação da urbanização ocorreu apenas no século XX e mesmo assim não acarretou uma substancial modificação da estrutura sócio-econômica. A ordem social brasileira estava fundada no latifúndio e no direito implícito de ter e manter a terra improdutiva. Com a urbanização, deterioraram-se ainda mais as relações, com o crime organizado a partir da ampliação da difusão das drogas.

Darcy Ribeiro insiste na predominância de preconceito de classe na sociedade brasileira. Para ele, como somos fruto de mestiçagem, o preconceito de raça ou cor está menos presente. Conforme o estudioso, os preconceitos de classe passam não só pelo poder aquisitivo como também pelo grau de instrução.

No quarto capítulo, o antropólogo identifica cinco tipos de mestiços existentes no Brasil: o Brasil crioulo, o Brasil caboclo, o Brasil sertanejo, o Brasil caipira e o Brasil sulino.

No quinto capítulo, Darcy Ribeiro trata de algumas questões contemporâneas. Com o resgate das “dores do parto” (eis os título da 1.a seção do capítulo), aponta alguns desafios a serem enfrentados.

Para Darcy Ribeiro, os escravos atuais são os “sub-assalariados”. Sua presença pode ser ameaçadora pela possibilidade de revolta social. Daí a necessidade de estarem sempre sobrecarregados e sem opção, assim é mais fácil para aceitarem sua condição e se acomodarem.

Apesar de todos os problemas, emerge uma visão otimista do autor, embasada na luta pela construção de uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma, mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidade,

mais generosa, porque aberta à convivência com todas as nações e todas as culturas e porque está assentada na mais bela e luminosa província da terra.

É claro que, assim como a parte dedicada à obra de Gilberto Freyre, nesta seção, em que apresentamos em linhas gerais a obra de Darcy Ribeiro, somente delineamos algumas questões muito genéricas desenvolvidas no texto. A intenção foi entender um pouco melhor nossa formação para, a partir daí, traçar algumas observações sobre nossa diversidade cultural e suas implicações pedagógicas.

3.3. Diversidade cultural e algumas implicações pedagógicas

Na atualidade, a dinâmica escolar objetiva erradicar com a tendência homogeneizadora e com suas práticas padronizadas, ampliando os horizontes de todos os envolvidos no processo educativo ao se reconhecer e valorizar todas as identidades culturais. Para Moreira e Candau (2003, p. 161):

A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar.

Atualmente essas questões de culturas não podem ser deixadas de lado por nós educadores, nossas escolas não podem se tornar indiferentes com a realidade do povo brasileiro em sua diversidade.

Diante de tamanha dificuldade na identificação da própria descendência, fica claro o quanto é necessário que as escolas elaborem projetos pedagógicos que reflitam as condições identitárias dos alunos da comunidade escolar. As escolas devem resgatar a contribuição das diversas matrizes formadoras para a história do Brasil nas áreas social, econômica e política. Sendo assim, podemos afirmar que a superação dos preconceitos deve começar na escola e faz parte da luta pela construção da cidadania e da democracia para todos.

Paulo Freire nos oferece um embrião de um tipo de proposta de educação especialmente sensível à relação entre educação e culturas, que deve ser experimentada pelos sistemas educacionais. Para Perez Gómez (1994; 2001), a escola deve ser

concebida como um espaço de cruzamento de culturas, cuja responsabilidade específica que a distingue de outras instâncias de socialização e lhe confere identidade e relativa autonomia é a mediação reflexiva daquelas influências plurais que as diferentes culturas exercem de forma permanente sobre as novas gerações.

O responsável definitivo da natureza, do sentido e da consistência do que os alunos e alunas aprendem em sua vida escolar é este vivo, fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola entre as propostas da cultura crítica, alojada nas disciplinas científicas, artísticas e filosóficas; as determinações da cultura acadêmicas, refletidas nas definições que constituem o currículo; os influxos da cultura social constituída pelos valores homogênicos do cenário social; as pressões do cotidiano da cultura institucional presente nos papéis, nas normas, nas rotinas e nos ritos próprios da escola como instituição específica. E as características da cultura experiencial adquirida individualmente pelo aluno através da experiência com o seu meio (PEREZ GOMEZ, 2001, p.17).

Recentemente há vários movimentos em nossa sociedade que vão ao encontro de uma valorização de nossa diversidade cultural. Se observarmos, por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Lei de Diretrizes e Bases, percebemos nitidamente a proposta de valorização de toda nossa diversidade cultural, incluindo a cultura afro-brasileira (que é reforçada, inclusive, pela Lei 10639/03) e indígena. Nosso objetivo com o presente trabalho foi entender melhor nossa pluralidade (desde sua constituição histórica) para assim podermos contribuir para o resgate e valorização desta rica diversidade cultural em sala de aula.

Os alunos estão dia a dia na escola aprendendo e fazendo cultura independente dos currículos educacionais, precisamos formar cidadãos capazes de reconhecer suas raízes culturais ao longo da aprendizagem através das experiências adquiridas no cotidiano escolar. Relacionamos alguns pontos que achamos importantes para direcionarmos nossas ações neste sentido.

Primeiro, é importante realizar um levantamento da realidade escolar, diagnosticando, inclusive, possíveis conflitos oriundos da diversidade cultural. É importante então criar projetos pedagógicos interdisciplinares valorizando as diversas culturas, seja por recortes temáticos ou por matrizes étnicas. O planejamento conjunto é imprescindível para a efetivação de um bom trabalho.

Infelizmente, a profissão de professor tem sido muito desvalorizada ultimamente. Cabe a nós, educadores, lutarmos por nossa valorização, reconhecendo e fortalecendo nossa importância para o desenvolvimento de uma sociedade mais ética,

justa e solidária. O reconhecimento de nossas raízes, o respeito à diferença e um convívio social enriquecedor são dinâmicas que apontam nesta direção e ousar afirmar que podem ser aprendidas e vivenciadas na escola.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos a importância de entender o modo como o Brasil foi se formando e como se fez uma nação independente. A partir principalmente da mistura de três povos (indígenas, portugueses e negros) com suas culturas singulares, surgiu o povo brasileiro. O povo brasileiro é resultado de uma miscigenação que teve início com a invasão do branco português.

Compreender o processo da ocupação e formação do povo brasileiro é muito complexo, é necessário analisar toda a trajetória das etnias existentes em nosso território. Essa pesquisa traz tanto a compreensão da miséria, bem como a produção de riquezas no processo de formação do nosso país. Nossa investigação mostra as diretrizes do processo de dominação por parte dos portugueses, como também dos grupos sociais que se formaram, enfrentando a resistência dos dominadores, cada grupo encontrou maneiras de preservar sua identidade, ainda que muitas vezes de forma precária e clandestina.

Com todos os obstáculos, muitas culturas conseguiram permanecer vivas, e não há como negar que vivemos em um país multicultural. O multiculturalismo vai ao encontro de nossa rica diversidade cultural. Cabe também aos educadores promover meios de resgate/ valorização das várias culturas que nos formam e com as quais compartilhamos, contribuindo, assim, para a eliminação do racismo, o respeito à diferença e o convívio harmônico e produtivo.

Somos um país miscigenado, somos formados por culturas diferentes, portanto, somos um país rico em culturas. Ainda que saibamos que todas as culturas têm sua singularidade, seu valor, o tratamento dado a cada uma no decorrer da história nem sempre foi justo.

A história no Brasil e na América Latina foi, de certa forma, um longo processo de discriminação, principalmente quando falamos de grupos indígenas e afrodescendentes. Nesse sentido, é óbvio que necessitamos debater as questões referentes ao multiculturalismo brasileiro nas nossas escolas, conscientizando os educandos sobre como nos construímos na nossa sociedade, o que valorizamos, o que negamos, o que deixamos de afirmar ou o que silenciemos com relação às culturas existentes. Ainda hoje em nossa sociedade precisamos lutar pelos nossos direitos, pela cidadania e para que todas as identidades sejam reconhecidas e respeitadas. Neste contexto, o professor tem papel fundamental.

5. REFERÊNCIAS

- CANDAU, Vera Maria. *Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- _____. Maria Vera; MOREIRA, Antônio F.B. *Educação escolar e cultura (s):construindo caminhos*. Revista Brasileira de Educação: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação. Rio de Janeiro: maio/ jun/ jul/ ago, n° 23, 2003, p. 156- 168.
- CAVALCANTE. Josinaldo. *Corrupção e cidadania: análise do fenômeno a partir de estudantes do Ensino Médio*. Original cedido pelo autor.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. . Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MARCONDES, Maria Inês. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.
- PEREZ, Gómez A. I. *A Cultura Escolar na Sociedade Neoliberal*. Porto Alegre: Artemed, 2001.
- Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 9. Número 110/janeiro 2014. Rio de Janeiro.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SILVA, Eberval Santos da. *A educação em um Brasil que não assume sua afrodescendência*. In: Revista Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico. Porto Alegre. Ano VI. Número 20. Março/Maio 2014. (p. 44 - 47)